

José-Maria de Heredia e a consagração de um poeta *créole* latino-americano no campo literário francês do final do século XIX

José-Maria de Heredia and the Consecration of a Créole Latin American Poet in the French Literary Field of the End of the Nineteenth Century

José-Maria de Heredia et la Consécration d'un Poète Créole Latino-Américain dans le Champ Littéraire Français de la Fin du XIX^e Siècle

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Abreu Castelo Vieira dos Paxe
Carmen Lucia Tindó Secco
Pâmela Fagundes Travassos

Recebido: 28/05/2024

Aceito: 27/04/2025

Como citar:

HENRIQUES, Nicolas Alves. José-Maria de Heredia e a consagração de um poeta *créole* latino-americano no campo literário francês do final do século XIX. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64154, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64154>

Nicolas Alves Henriques

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mails: nicolasalves@letras.ufrj.br; nicolas_cbg@hotmail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a trajetória (Bourdieu, 1996b) do poeta franco-cubano José-Maria de Heredia, considerando, para tanto, sua condição de autor *créole*. Trata-se de um poeta que, após sua chegada à França como um estrangeiro desconhecido, pôde alcançar a consagração institucional, a partir do acúmulo de diferentes capitais (Bourdieu, 1996a). Heredia se consagrou no campo literário francês do final do século XIX como um dos principais expoentes do movimento parnasiano. Apesar de ter sido um dos mais fiéis discípulos de Leconte de Lisle, foi capaz de desenvolver um estilo próprio, a partir da exploração em seus poemas de temáticas que traziam à tona, de forma recorrente,

sua origem hispânica. Nascido em Cuba, o autor fez sua carreira literária na Europa e foi um dos responsáveis para que os parnasianos, ao redor de 1885, tornassem-se os principais detentores do capital simbólico no campo literário francês (Ponton, 1973). Nesse sentido, trata-se de um autor que, longe de ter ocupado um espaço periférico nos meios letrados de franceses, alcançou um dos postos de maior prestígio naquele campo literário na época de sua atividade. Para situar a posição nele ocupada por Heredia, empregaremos o referencial teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu (Bourdieu; Passeron, 1964; Bourdieu, 1996a, 1996b). Além disso, ao analisar sua condição de autor *créole*, utilizaremos também os conceitos de zona de contato e de literatura heterogênea, propostos respectivamente por Mary Louise Pratt (1999) e por Antonio Cornejo Polar (2000).

Palavras-chave:

Parnasianismo; literatura francesa; sociologia da literatura; zona de contato.

Abstract:

This article aims to analyse the trajectory (Bourdieu, 1996b) of the French-Cuban poet José-Maria de Heredia, considering for this his status as a Creole author. After arriving in France as an unknown foreigner, he was able to achieve institutional recognition through the accumulation of different capitals (Bourdieu, 1996a). Heredia established himself in the French literary field at the end of the nineteenth century as one of the main exponents of the Parnassian movement. Despite having been one of Leconte de Lisle's most loyal disciples, he was able to develop a particular style by exploring themes in his poems that revealed repeatedly his Hispanic origins. Born in Cuba, this author pursued his literary career in Europe and was one of those responsible for the Parnassians becoming, around 1885, the main holders of the symbolic capital in the French literary field (Ponton, 1973). In this sense, far from having occupied a peripheral space in the French literary circles, he is an author who could achieve, at the time of his activity, one of the most prestigious positions in that literary field. Aiming to situate Heredia's position in it, we will use the theoretical framework developed by Pierre Bourdieu (Bourdieu; Passeron, 1964; Bourdieu, 1996a, 1996b). Furthermore, aiming to analyse Heredia's status as a Creole author, we will also use the concepts of contact zone and heterogeneous literature, proposed respectively by Mary Louise Pratt (1999) and by Antonio Cornejo Polar (2000).

Keywords:

Parnassianism; french literature; sociology of literature; contact zone.

Résumé:

Cet article vise à analyser la trajectoire (Bourdieu, 1996b) du poète franco-cubain José-Maria de Heredia, en tenant compte, pour autant, de sa condition d'auteur *créole*. Il s'agit d'un poète qui, après son arrivée en France en tant qu'un étranger inconnu, a pu atteindre la consécration institutionnelle, à partir de l'accumulation de différents capitaux (Bourdieu, 1996a). Heredia s'est consacré dans le champ littéraire français de la fin du XIXe siècle comme l'un des plus importants représentants du mouvement parnassien. Même si c'était l'un des plus fidèles disciples de Leconte de Lisle, il a été capable de développer un style propre, à partir de l'exploration dans ses poèmes des thématiques qui mettaient en évidence, de façon récurrente, son origine hispanique. Né à Cuba, l'auteur a fait sa carrière littéraire en Europe et a été l'un des responsables qui ont permis aux Parnassiens, vers 1885, de devenir les principaux détenteurs du capital symbolique dans le champ littéraire français (Ponton, 1973). De cette façon, il s'agit d'un auteur qui, loin d'avoir occupé une place périphérique dans les milieux lettrés français, a atteint l'un des postes de plus grand prestige dans ce champ littéraire dans l'époque de son activité. Pour situer la position que Heredia y avait occupé, on emploiera les références théoriques développées par Pierre Bourdieu (Bourdieu; Passeron, 1964; Bourdieu, 1996a, 1996b). En outre, lors de l'analyse de sa condition d'auteur *créole*, on utilisera aussi les concepts de zone de contact et de littérature hétérogène, proposés respectivement par Mary Louise Pratt (1999) et par Antonio Cornejo Polar (2000).

Mots-Clés:

Parnasse; littérature française; sociologie de la littérature; zone de contact.

Introdução

José-Maria de Heredia, poeta na maior parte das vezes de expressão francesa, nascido em Cuba e morto na França, onde passou a maior parte da vida e desenvolveu a quase totalidade de sua obra, é nome essencial no estudo do movimento parnasiano francês. Trata-se de um dos principais expoentes de tal movimento, tendo podido explorar em sua obra poética certos temas que se tornariam verdadeiros *topoi* daquela estética, como a descrição minuciosa de objetos ou de cenas históricas e mitológicas. Tendo participado ativamente do cenáculo de Leconte de Lisle, cujos integrantes passaram a reunir-se na residência daquele poeta a partir da década de 1860, foi um dos parnasianos a ser eleito à Academia Francesa, em 1894 – apenas um ano após a publicação de seu único volume de poemas, que denominou *Les Trophées*, isto é,

“Os troféus” –, possivelmente principal marca de consagração institucional naquele país, o que demonstra o acúmulo de capital simbólico (Bourdieu, 1996a) que havia alcançado até aquele momento.

Poeta *créole*, foi frequentemente atravessado durante sua formação literária por suas raízes latino-americanas. Elas, contudo – e a despeito do preconceito existente em relação aos poetas não originários da metrópole –, além de não terem impedido que Heredia chegasse aos postos de maior consagração da literatura francesa, como a própria Academia, contribuiu para a série de escolhas temáticas de que se valeu em sua obra, em um caso de evidente assimetria decorrente da relação entre polo dominado e polo dominante do campo literário. Apesar da carreira de escritor desenvolvida na Europa e de sua participação ativa no campo literário francês, em detrimento do cubano – que, se fosse constituído no momento de suas publicações, não chegou a integrar –, sua origem hispânica é amiúde recuperada na fatura de suas produções poéticas. A formação inicial a que teve acesso, ocorrida ainda em Cuba, foi decisiva para seu desenvolvimento literário, e mesmo após sua ida à França, onde concluiria os estudos, Heredia mostrou-se sempre atento às temáticas próprias de sua terra natal, bem como do continente americano de um modo mais abrangente, tendo frequentemente preservado poemas históricos, que retratavam a chegada dos espanhóis ao Novo Mundo, bem como descritivos, a respeito de cenas cálidas e tropicais.

Heredia integra, junto de Leconte de Lisle e Léon Dierx, o grupo de autores *créoles* que se associaram diretamente ao movimento parnasiano. *Créoles*, com efeito, seriam pessoas brancas – portanto, de ascendência europeia – nascidas fora da metrópole, isto é, nascidas nas antigas colônias de países da Europa. Heredia difere-se de seus camaradas, contudo, por ser um autor *créole* nascido fora de uma ocupação francesa. Trata-se de um autor que se insere naquilo que Pratt (1999) denominou “zona de contato”, isto é, o espaço fronteiro em que se encontram duas culturas díspares: no caso, a colonizada e a colonizadora. Também Polar (2000) serve-nos de importante referencial para a análise pretendida, em razão daquilo que denominou “literaturas heterogêneas”, como se verá adiante. Tais aspectos poderão auxiliar-nos a evidenciar a complexidade existente no campo literário francês daquele período, em que poetas e poetisas de diversas origens geográficas e classes sociais produziram suas obras.

Pretende-se, neste artigo, propor uma análise da trajetória de Heredia, isto é, a “série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário” (Bourdieu, 1996b, p. 71). Consideramos, para tanto, sua condição de autor *créole*, visando identificar de que modo ocorreu sua consagração no campo literário francês a partir do estudo do acúmulo dos diversos capitais. Adotamos o referencial teórico proposto por Bourdieu (Bourdieu; Passeron, 1964; Bourdieu, 1996a, 1996b). Inicialmente, trataremos de alguns elementos biográficos

de José-Maria de Heredia, no intuito de identificar os principais aspectos de sua formação e a quantidade de capital literário que estiveram naquele momento postos em jogo. Daremos especial atenção aos períodos passados por Heredia em Cuba, bem como à relação que estabeleceu, desde cedo, com sua terra natal. Também analisaremos a relação que firmou com os outros poetas parnasianos, decisiva para a delimitação de sua posição no campo literário francês. Em seguida, analisaremos sua condição de autor *créole*, considerando as problemáticas nela envolvidas, visando responder à pergunta: “Seria a produção poética de José-Maria de Heredia um caso de literatura heterogênea?”

Formação inicial e posição no grupo dos poetas parnasianos

Utilizamos, na tentativa de delimitar alguns aspectos biográficos de Heredia, o estudo feito por Ibrovac (1923). Interessam-nos, sobretudo, os períodos passados pelo poeta em sua terra natal, bem como a relação, por vezes conflituosa, com ela estabelecida.

Heredia é originário de uma rica família cubana, cujas raízes remontariam a Pedro de Heredia, fundador de Cartagena das Índias. Durante a Revolução Francesa, em razão de revoltas locais, a família paterna de Heredia foi obrigada a deixar as terras que ocupava na Ilha de São Domingos, na região da atual República Dominicana, e instalar-se na ilha vizinha de Cuba. Na nova terra, o pai de Heredia, Don Domingo de Heredia, possuía plantações de café nas proximidades de Santiago, cidade situada na parte oriental da ilha. Por sua vez, a mãe de Heredia, de nome de solteira Louise Girard, era uma mulher francesa, cujos pais foram obrigados a deixar a parcela francófona da Ilha de São Domingos, na região do atual Haiti, também devido às revoltas ali ocorridas. À semelhança da família paterna do futuro poeta, a família de sua mãe partiu para a ilha de Cuba. Ali José-Maria de Heredia nasceu, filho de pai espanhol e mãe francesa, em 22 de novembro de 1842.

Após a morte do pai em um naufrágio, Heredia aproximou-se de seu mentor, Nicolas Fauvelle, que já havia se ocupado da educação de outros filhos da família e que teve papel importante na decisão da mãe de Heredia de que o filho desse prosseguimento aos estudos na França.¹ Heredia partiu aos nove anos para o colégio Saint-Vincent de Senlis (Ibrovac, 1923, p. 19), na região em que residia naquele momento Fauvelle, que havia deixado Cuba. Lá passou a ser chamado de Joseph-Marie e adquiriu uma forte formação clássica. Com efeito, no banquete anual dos

¹ Louise havia cogitado, em determinado momento, enviá-lo à Espanha, como consta de uma carta datada de 25 de fevereiro de 1850.

antigos alunos do colégio, de 19 de janeiro de 1879, que foi presidido por Heredia, é possível verificar-se todo o zelo que ainda preservava pela instituição em um período em que já escrevia e publicava suas poesias em diversas revistas. De tal modo se dá o início do discurso proferido pelo poeta: “Essas lembranças não existem sem certa melancolia. Elas evocam um passado encantador, irreparável, desaparecido [...]” (Ibrovac, 1923, p. 24, tradução nossa)². Após a conclusão de seus estudos, contudo, Heredia retornou a Cuba, onde reencontrou a família e as plantações de sua infância.

A mãe de Heredia demonstrava grande preocupação com a educação do filho, talvez pelo fato de não desejar que ele seguisse o caminho do pai e tornasse-se plantador, como evidencia em uma carta de 8 de agosto de 1858, endereçada a Fauvelle: “A maneira com que seu pai e eu passamos nossa vida não me dá grande desejo de vê-lo tornar-se plantador” (Ibrovac, 1923, p. 29)³. Pouco tempo depois, quando Heredia teve de deixar novamente a casa da família para ir estudar filosofia e literatura em Havana, sua mãe redigiu outra carta endereçada a Fauvelle, cuja data não consta no texto de Ibrovac: “[...] ele [Heredia] precisa ocupar-se somente de sua instrução, ele sabe que, a menos que haja eventos terríveis, tudo aquilo de que precisa está assegurado [...]” (Ibrovac, 1923, p. 33-34)⁴. Mais do que uma preocupação com a formação intelectual do filho, a mãe do futuro poeta inquietava-se com a perspectiva de que ele permanecesse em Cuba, como consta de outra carta dirigida ao mentor do menino, cuja data também não consta do texto de Ibrovac:

Todas as inclinações de Pepillo⁵ voltam-se para as coisas do intelecto; todos julgaram-no dessa forma, e você, meu amigo, foi o primeiro. Mas você pensa que após um dia passado correndo atrás dos negros, no sol, na chuva, na lama, observando, corrigindo seres que estão abaixo dele, você pensa que, apesar de nossa boa vida de família, ele veio tomar um livro ou conversar conosco à noite? Não [...], e ao fim de seis meses ninguém teria reconhecido seu aluno querido, e mais tarde ele se tornaria, como muitos jovens que poderia citar, um paxá⁶ grosseiro (Ibrovac, 1923, p. 35)⁷.

² “Ces souvenirs ne sont pas sans quelque mélancolie. Ils évoquent un passé charmant, irréparable, évanoui.”
As obras que não possuem tradução para a língua portuguesa, ou cuja tradução porventura não tenha podido ser acessada, tiveram suas citações traduzidas pelo autor do artigo.

³ “La manière dont son père et moi avons passé notre vie ne me donne pas grand désir de lui voir prendre l'état de planteur.”

⁴ “[...] il n'a besoin que de s'occuper de son instruction, il sait qu'à moins de terribles événements, tous ses besoins sont à couvert [...]”

⁵ Apelido dado a Heredia por seus familiares.

⁶ Estrangeirismo, que constituía um título de governador no Império Otomano.

⁷ “Toutes les inclinations de Pepillo se portent vers les choses de l'intelligence ; tout le monde l'a jugé ainsi, et vous, mon digne ami, tout le premier. Mais croyez-vous qu'après une journée passée à courir après les

Preocupação semelhante é compartilhada por Heredia, como se verifica em outra carta, de 28 de agosto de 1860, redigida pelo jovem ao mesmo Fauvelle:

Fiquei completamente desencantado, excetuadas as pessoas de minha família, pela sociedade cubana; onde encontrarei amigos como na França e em Senlis? Parece-me que um estudo bem dirigido do direito poderá convir-me... O estado dos habitantes mudou muito desde seu tempo. [...]. Além disso, sinto imensa falta de você e de todos os meus bons amigos. Permanecendo neste país, terminarei caindo em uma atonia intelectual completa (Ibrovac, 1923, p. 37)⁸.

Cuba representava a pobreza – tanto econômica quanto intelectual – de que o futuro poeta e sua família desejavam desvencilhar-se. O ambiente a que estavam expostos, em princípio, pouco propício às atividades do intelecto, distando-se daquele que Heredia encontrara na França, despertar-lhe-ia o desejo de embarcar novamente para a Europa, onde poderia dar prosseguimento à sua formação. A suposta inferioridade intelectual de parcela da população cubana – ou dos “nègres”, em específico, como se observa na oposição elaborada, por parte de Louise, entre estes e seu filho –, ou das colônias e das antigas colônias de um modo geral, seria regularmente recuperada por parte dos autores metropolitanos ao tratarem da questão *créole*, como se verá adiante. Apesar disso, datam dessa estadia em Cuba as primeiras composições poéticas de Heredia de que temos notícia. Elas tendiam a evocar temas próprios da terra, trazendo a pátria natal como tema central de suas produções. Além disso, o francês aparece desde esse momento como língua literária preferencial. Destacam-se dois poemas, que não foram reunidos por Heredia em seu único volume poético, *Les Trophées*, que seria publicado apenas em 1893: “Les Bois américains” e “À la fontaine de la India”.⁹ O rigor formal, que existe, é menos exacerbado do que demonstrará posteriormente, quando frequentará cenáculos literários em Paris e publicará em revistas e coletâneas junto de outros nomes associados ao movimento

nègres, au soleil, à la pluie, dans la boue, surveillant, corrigeant des êtres au-dessous de lui, croyez-vous que, malgré notre bonne vie de famille, il fût venu prendre un livre, ou causer avec nous, le soir ? Non [...], et au bout de six mois personne n’aurait reconnu votre élève chéri, et plus tard il serait devenu, comme plusieurs jeunes gens que je puis vous citer, un pacha grossier.”

⁸ “J’ai été complètement désenchanté, excepté les personnes de ma famille, par la société cubaine ; où trouverai-je des amis comme en France et à Senlis ? Il me semble qu’une étude bien dirigée du droit pourra me convenir... L’état d’habitant est bien changé depuis votre temps. [...]. D’ailleurs vous et tous mes bons amis me manquez d’une façon incroyable... Restant dans ce pays-ci, j’aurais fini par tomber dans une atonie d’intelligence complète.”

⁹ Para acessar os poemas de Heredia não reunidos em *Les Trophées*, recomenda-se a leitura de Heredia (1924), em que foi abarcada a totalidade poética conhecida do autor, incluindo notas e variantes.

parnasiano. Contudo, certas características que seriam usualmente verificadas em sua obra poética estão desde já presentes.

Em “Les Bois américains”, poema de extensão considerável cuja primeira estrofe transcrevemos a seguir, o autor descreve a exuberância da natureza do continente americano, salientando alguns dos elementos mais característicos das paisagens tropicais, como os pés de mamão e as palmeiras:

Les érables, rayés de blanc et de bleu pâle,
Dressent avec orgueil leurs colonnes d’argent ;
Les papayers aux fruits d’émeraude et d’opale
Croissent près du figuier au feuillage changeant ;
Les lianes rampant, s’entrelaçant aux branches,
Vont lancer hardiment au ciel leurs grappes blanches,
Et ces arbres moussus, ces palmiers, ces taillis,
Inextricable amas de fougères géantes,
D’indissolubles nœuds et de fleurs éclatantes,
Forment un incroyable et splendide fouillis.

(Heredia, 1924, p. 222)

O texto traz à tona toda a impessoalidade que caracterizaria a produção de certos poetas naquele período na França, com cuja literatura Heredia naturalmente efetuou trocas importantes. Pouco antes de regressar a Cuba, por exemplo, o jovem firmara contato com a obra de Leconte de Lisle, também *créole*, nascido na ilha de Réunion, nas proximidades da costa africana, e com quem Heredia futuramente desenvolveria forte amizade. Em sua poesia, com efeito, há traços que se assemelham àqueles de “Les Bois américains”, como a impessoalidade, a objetividade e a descrição precisa e detalhada de paisagens naturais, sobretudo as tropicais. Heredia chegaria a afirmar, em entrevista ao *Le Gaulois* de 13 de maio de 1893, que descobrir Leconte de Lisle constituiu para ele uma “révélation” (*apud* Galdemar, 1895, p. 1). Assim, embora ainda não se associasse diretamente ao movimento parnasiano – o que ocorreria somente após seu retorno à França –, Heredia desde já nutria simpatia pela estética que seria futuramente preconizada por tal movimento.

Contudo, em “À la fontaine de la India”, provavelmente escrito em Havana, no dia 5 de março de 1860 – poema já composto na forma que se tornaria a preferida do poeta: o soneto –, tais características encontram-se menos evidentes:

Seul, quand finit le jour auprès de la fontaine,
J’aime à m’asseoir, rêvant à sa douce fraîcheur,
A laisser la pensée échapper de mon cœur,
Comme les gouttes d’eau de son urne trop pleine.

A la tiède splendeur de la lune sereine,
Sous ton blanc vêtement que traça le sculpteur,
Tu sembles t’animer, et ma charmante erreur
Prête des traits amis à ta forme incertaine.

O ma belle Indienne, amante du Soleil,
Que Colomb éveilla du virginal sommeil,
Où te berçait le chant des vagues amoureuses,

Cuba, ô mon pays, sous tes palmiers si beaux,
Qu’il est doux d’écouter la voix de tes ruisseaux,
Les murmures d’amour de tes nuits lumineuses !

(Heredia, 1923, p. 221).

O eu lírico, no afã de glorificar sua terra natal, personificada em figura indígena, coloca em destaque seus próprios sentimentos, descumprindo o princípio da impessoalidade. Além disso, coisa rara na obra de maturidade do poeta cubano, as rimas elegidas quase carecem do emprego de consoantes de apoio, indispensáveis, como ainda mostraria Théodore de Banville, tão admirado pelos parnasianos franceses, em seu *Petit traité de poésie française*: “Sem consoante de apoio, sem Rima e, consequentemente, sem poesia [...]” (Banville, s.d., p. 50, tradução nossa)¹⁰. Nesse sentido, as rimas entre “fontaine” e “pleine”, entre “fraîcheur” e “cœur”, ou, ainda, entre “amoureuses” e “lumineuses” seriam defeituosas e deveriam ser evitadas. Não é o caso, por outro lado, da rima entre “fontaine” e “incertaine”, em que as consoantes imediatamente anteriores à vogal tônica são coincidentes, o que constituiria um dos elementos característicos da boa rima.

Deve-se considerar, além disso, que o interesse de Heredia pela poesia originou-se, possivelmente, do meio social em que estava inserido. Durante sua estada em Senlis, para além dos conteúdos das aulas de cunho humanístico, o futuro poeta teve acesso à biblioteca de Fauvelle, em que podiam ser encontradas obras de história, de geografia e de literatura, englobando títulos românticos e clássicos franceses, além da coleção completa dos autores latinos, publicada por Panckoucke (Ibrovac, 1923, p. 45). Outrossim, sua mãe tinha o costume de citar poetas franceses nas cartas endereçadas a Fauvelle e de enviar quantias para que Fauvelle comprasse livros para ela, suas filhas e Heredia (Ibrovac, 1923, p. 45), o que atesta o próprio capital cultural de que dispunha.

Também havia sido ela a responsável por recitar os primeiros versos com que o jovem Heredia tivera contato, como o futuro poeta evidenciará em seu Discurso de

¹⁰ “Sans consonne d’appui, pas de Rime et, par conséquent, pas de poésie.”

Recepção à Academia Francesa, ocorrido em 1895, um ano após sua eleição. Nele, o poeta cubano elogia repetidas vezes o país que o recebeu, e demonstra a importância que a França havia exercido em relação à sua formação cultural: “Acolhendo-me em sua Companhia, os senhores consagraram minha adoção pela França. A França sempre me foi querida. Ela era a pátria de minha inteligência e de meu coração” (Heredia, 1895, s.p., tradução nossa)¹¹. Propõe, igualmente, uma aproximação entre a Espanha, em cujas terras encontravam-se as raízes de sua família paterna, e a França: “E a escolha dos senhores não honra apenas o poeta; a honra reflete-se em nossa irmã latina Espanha e, ainda mais longe, naquele Novo Mundo disputado por nossos ancestrais comuns, para além do Oceano que banha a ilha radiante e distante onde nasci” (Heredia, 1895, s.p.)¹². Adiante, lembra-se de que, quando pequeno, recitava versos de Lamartine junto de sua mãe, chegando a comparar os versos daquele poeta, de tão frequentemente recitados, a uma “oração matinal”:

Lamartine! Seu nome docemente sonoro é o primeiro nome de poeta que acariciou meus ouvidos. Seus versos são os primeiros que minha memória reteve, quando, ainda muito pequeno, ajoelhava-me na grande cama materna e que, juntando as mãos, recitava palavra por palavra, seguindo uma voz muito querida que se calou há muito tempo, a oração matinal [...] (Heredia, 1895, s.p.)¹³.

Nesse sentido, parece razoável justificar que tais aspectos de sua formação compuseram o gênero do capital cultural (Bourdieu, 1996a) a que teve acesso desde tenra idade, o que contribuiu para a formação do espaço dos possíveis estéticos (Bourdieu, 1996a) que teria posteriormente à sua disposição. Todo o aparato cultural que teve a seu redor, ainda criança, determinaria futuramente suas tomadas de posição dentro do campo, como os gêneros e as formas privilegiadas em suas produções literárias, bem como as associações a grupos literários específicos.

Ponton (1973), inclusive, ao estudar o processo que conduziu o parnasianismo a tornar-se o principal movimento literário detentor do capital simbólico na França durante a década de 1880, isto é, a atingir a consagração dentro do campo literário daquele país, elege quatro nomes que nele julgou de maior relevância: François

¹¹ “En m’accueillant dans votre Compagnie, vous avez consacré mon adoption par la France. La France me fut toujours chère. Elle était la patrie de mon intelligence et de mon cœur.”

¹² “Et ce n’est pas le poète seul qu’honore votre choix ; l’honneur en rejaillit sur notre sœur latine l’Espagne et, plus loin encore, jusqu’à ce Nouveau Monde que se sont disputé nos communs ancêtres, par delà l’Océan qui baigne l’île éclatante et lointaine où je suis né.”

¹³ “Lamartine ! Son nom doucement sonore est le premier nom de poète qui ait caressé mon oreille. Ses vers sont les premiers que ma mémoire ait retenus, lorsque tout petit enfant, je m’agenouillais dans le grand lit maternel et que, joignant les mains, je récitais mot par mot, suivant une voix bien chère qui s’est tue depuis bien longtemps, la prière matinale [...]”

Coppée, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme e Heredia. Apesar de outros nomes de grande relevância terem sido omitidos, são estes os quatro integrantes do grupo parnasiano que foram eleitos à Academia Francesa. O comentador, com efeito, opõe Heredia e Leconte de Lisle a François Coppée e Sully Prudhomme: enquanto estes eram oriundos de famílias pequeno-burguesas e dotadas de reduzido capital cultural, os primeiros eram oriundos da aristocracia culta, fato que repercutiria nas tomadas de posição dentro do campo literário, por parte de cada autor:

Assim, no interior do grupo dos parnasianos suficientemente dotados para aguardar a consagração, a relação com a estética dos aristocratas cultos como Heredia e Leconte de Lisle estabelece uma distância eminente do papel que os pequeno-burgueses autodidatas que são Coppée e Sully-Prudhomme¹⁴ são incapazes de sustentar. Pode-se pensar que o ethos de sua classe de origem explica a impassibilidade dos primeiros, bem como o ecletismo e a pressa de serem reconhecidos pelo grande público que caracteriza os segundos (Ponton, 1973, p. 219-220)¹⁵.

Mais do que isso, o pesquisador observa nesse aspecto uma diferenciação legada a uns e outros na maneira com que foram apropriados pelo estudo da historiografia literária no sistema educacional francês. Desse modo, François Coppée e Sully Prudhomme teriam sido recitados por muito tempo nas escolas primárias, enquanto Heredia e Leconte de Lisle figurariam de maneira mais acentuada nos manuais secundários de literatura, nos capítulos reservados ao parnasianismo (Ponton, 1973, p. 220).

Heredia – como também Leconte de Lisle – seria detentor daquilo que Bourdieu e Passeron (1964) denominaram “cultura livre”, ao pesquisarem, na França da década de 1960, as relações firmadas entre estudantes universitários e a cultura. Na pesquisa, os autores observaram que os estudantes oriundos de classes favorecidas não herdavam somente hábitos, práticas e atitudes de seus meios familiares, mas também saberes e gostos, ou o bom gosto: “Os estudantes mais favorecidos não devem somente a seu meio familiar de origem hábitos, práticas e atitudes que lhes servem diretamente em suas tarefas escolares; eles herdaram desse meio também saberes e um *savoir-faire*,

¹⁴ Apesar da preferência do pesquisador pelo uso do hífen nesse caso, o mais usual é que, atualmente, o nome de Sully Prudhomme seja grafado separadamente.

¹⁵ “Ainsi à l’intérieur du groupe des parnassiens suffisamment dotés pour attendre la consécration, le rapport à l’esthétique des aristocrates cultivés comme Heredia et Leconte de Lisle est fait d’une distance distinguée au rôle que sont incapables de soutenir les petits bourgeois autodidactes que sont Coppée et Sully-Prudhomme. On peut penser que l’ethos de leur classe d’origine explique l’impassibilité des premiers aussi bien que l’éclectisme et la hâte à être reconnu par le grand public qui caractérisent les seconds.”

gostos e um ‘bom gosto’ [...]” (Bourdieu; Passeron, 1964, p. 30, tradução nossa)¹⁶. Em outras palavras, os estudantes oriundos de famílias favorecidas, além de serem privilegiados de acordo com as demandas do sistema educacional daquele país, têm a condição de sê-lo justamente graças à cultura detida pelos integrantes do meio social de que se originam, uma vez que podem acessá-la independentemente da instrução ofertada pelas instituições de ensino formal.

Nesse sentido, o poeta cubano, ressalvadas as distâncias que o separam dos estudantes sobre cuja formação se debruçaram os pesquisadores, seria representante da cultura preconizada pelas classes intelectualmente dominantes, no século XIX. Heredia herdou do meio social em que estava inserido os conhecimentos esperados de um jovem pertencente à classe dominante da Cuba de sua época, conhecedor de história, de línguas clássicas e dos códigos de versificação. Trata-se de conhecimentos que nem sempre a frequência regular à escola é capaz de fornecer, mas, sim, o contato estreito com certos núcleos sociais mais propensos a certas tomadas de posição – nos diversos campos que porventura integrem – do que outras. Tal acúmulo de capital cultural, por conseguinte, faltaria a François Coppée e a Sully Prudhomme, mas poderia ser encontrado em Leconte de Lisle, graças ao meio social e familiar de que se originava. A cultura livre seria, portanto, a cultura adquirida fora de um ambiente formal de aprendizagem, isto é, a escola. Tal aspecto seria sintetizado da seguinte maneira:

Os mesmos saberes não exprimem necessariamente as mesmas atitudes e não desempenham os mesmos valores: enquanto eles atestam em uns o poder exclusivo da regra e da aprendizagem escolares [...], eles exprimem em outros, [...], a posse de uma cultura que eles devem inicialmente a seu meio familiar (Bourdieu; Passeron, 1964, p. 33)¹⁷.

Tendo terminado seus estudos de filosofia e literatura em Havana, Heredia retornou à França – agora com sua mãe –, onde estudou direito. Posteriormente, envolveu-se com grupos literários, em que teve a oportunidade de aperfeiçoar sua técnica poética. Nesse período, conheceu pessoalmente Leconte de Lisle e outros poetas que seriam denominados parnasianos, após a publicação da primeira coletânea do *Parnasse contemporain*, em 1866, de que Heredia também participou. O poeta,

¹⁶ “Les étudiants les plus favorisés ne doivent pas seulement à leur milieu d’origine des habitudes, des entraînements et des attitudes qui les servent directement dans leurs tâches scolaires ; en héritent aussi des savoirs et un savoir-faire, des goûts et un ‘bon goût’ [...]”

¹⁷ “Les mêmes savoirs n’expriment pas nécessairement les mêmes attitudes et n’engagent pas les mêmes valeurs : alors qu’ils attestent chez les uns le pouvoir exclusif de la règle et de l’apprentissage scolaires [...], ils expriment chez les autres, [...], la possession d’une culture qu’ils doivent d’abord à leur milieu familial.”

então, por longo período, publicou seus poemas em revistas e em outras coletâneas. Somente em 1893 reuniu parte de sua produção em seu único volume poético, a que conferiu o nome de *Les Trophées*, e, somente dois anos mais tarde, candidatou-se para ocupar uma cadeira na Academia Francesa. Heredia passou a desempenhar, ainda, a partir de 1901, a função de administrador da Biblioteca do Arsenal (Ponton, 1973, p. 214). Além disso, a Academia Francesa criou, em 1928, o Prêmio Heredia de poesia.

Dessa forma deu-se, resumidamente, a trajetória (Bourdieu, 1996b) do poeta cubano, isto é, as diferentes posições que ocupou no campo literário francês do período, passando de mero desconhecido, isto é, de um *créole* originário de um país “exótico”, aos postos de maior consagração do meio literário francês, tendo sido reconhecido em vida por seus pares. Tal faceta evidencia, inclusive, o vasto acúmulo de capital simbólico de que dispunham, no final do século XIX, o poeta cubano, em específico, e o movimento parnasiano, em geral.

Em relação à consagração alcançada pelos poetas associados ao movimento parnasiano, é necessário considerar, por exemplo, o sucesso logrado por obras específicas,¹⁸ o posto de trabalho ocupados por alguns de seus integrantes em certos períodos,¹⁹ o acesso por parte de alguns de seus integrantes à Academia Francesa e, ainda, as inúmeras condecorações a eles dedicadas por parte da Legião de Honra, como evidencia Ponton (1973). No caso específico de Heredia, sua nomeação como cavaleiro, em 1884, deu-se mesmo antes da publicação de *Les Trophées*, o que somente ocorreria nove anos depois:

[...] Leconte de Lisle é nomeado oficial da Legião de Honra em 1884, Sully-Prudhomme e Coppée, oficiais em 1888, tornam-se comendadores, no mesmo ano, em 1895. Sully-Prudhomme será membro do conselho dessa ordem. Heredia, cavaleiro em 1884, tornar-se-á oficial alguns anos mais tarde (Ponton, 1973, p. 214)²⁰.

Tais aspectos fizeram com que o pesquisador considerasse que, por volta de 1885, os parnasianos tivessem se tornado os detentores do poder simbólico na França (Ponton, 1973, p. 213). Nesse sentido, pode-se considerar que Heredia e seus colegas do Parnaso, longe de terem sido poetas pouco aclamados na época em que produziram, estiveram, na realidade, no centro do campo literário francês do período, devido ao grande acúmulo de capital simbólico que lhes foi legado.

¹⁸ Tal foi o caso da peça *Le Passant*, de Coppée, durante o ano de 1869 (Ponton, 1973, p. 213).

¹⁹ Leconte de Lisle, Heredia e Coppée ocupariam, respectivamente, os cargos de sub-bibliotecário do Senado, de administrador da Biblioteca do Arsenal (como se verificou) e de arquivista-bibliotecário da Comédie-Française (Ponton, 1973, p. 214).

²⁰ “[...] Leconte de Lisle est nommé officier de la Légion d’honneur en 1884, Sully-Prudhomme et Coppée, officiers en 1888, deviennent commandeurs, la même année, en 1895. Sully-Prudhomme sera membre du Conseil de cet ordre. Heredia, chevalier 1884, sera fait officier quelques années plus tard.”

Um “estrangeiro” no campo literário francês e um escritor na “zona de contato”

Leconte de Lisle, o grande parnasiano, ao redor do qual se reuniam os outros poetas integrantes do grupo, nasceu também em uma ilha tropical, à semelhança de Heredia. No caso, na ilha de Réunion, nas proximidades da costa africana. Deve-se ressaltar que três *créoles* integraram o grupo parnasiano francês: José-Maria de Heredia, Leconte de Lisle e Léon Dierx – também poeta reunionense. Leconte de Lisle, como Heredia, teve amiúde sua condição de escritor *créole* trazida à tona durante o exame de sua obra poética. É relevante, para compreender a maneira com que autores *créoles* eram encarados no campo literário francês do período, a análise feita por Baudelaire a respeito da produção poética lisleiana, reproduzida abaixo:

Perguntei-me frequentemente, sem ser capaz de responder-me, por que os *créoles* não traziam, em geral, a seus trabalhos literários, nenhuma originalidade, nenhuma forma de concepção ou de expressão. Consideraríamos almas femininas, feitas unicamente para a contemplação e para o desfrute. A própria fragilidade, a graça de suas formas físicas, seus olhos de veludo que observam sem examinar, a estreiteza singular de suas testas, enfaticamente altas, tudo o que há frequentemente neles de encantador denuncia-os como inimigos do trabalho e do pensamento. A languidez, a gentileza, uma faculdade natural de imitação que eles inclusive compartilham com os negros, e que quase sempre dá a um poeta *créole*, qualquer que seja sua distinção, certo ar provinciano, eis o que nós podemos observar geralmente nos melhores deles.

M. Leconte de Lisle é a primeira e única exceção que encontrei (Baudelaire, 1885, p. 385-386, tradução nossa)²¹.

Parece lugar-comum a relação estabelecida entre a figura do *créole* e certo distanciamento em relação ao trabalho intelectual, evidenciada nas falas preconceituosas de importantes personagens dos meios letrados da época. Além da faceta intelectual,

²¹ “Je me suis souvent demandé, sans pouvoir me répondre, pourquoi les *créoles* n’apportaient, en général, dans les travaux littéraires, aucune originalité, aucune force de conception ou d’expression. On dirait des âmes de femmes, faites uniquement pour contempler et pour jouir. La fragilité même, la gracilité de leurs formes physiques, leurs yeux de velours qui regardent sans examiner, l’étroitesse singulière de leurs fronts, emphatiquement hauts, tout ce qu’il y a souvent en eux de charmant les dénonce comme des ennemis du travail et de la pensée. De la langueur, de la gentillesse, une faculté naturelle d’imitation qu’ils partagent d’ailleurs avec les nègres, et qui donne presque toujours à un poète *créole*, quelle que soit sa distinction, un certain air provincial, voilà ce que nous avons pu observer généralement dans les meilleurs d’entre eux. M. Leconte de Lisle est la première et l’unique exception que j’aie rencontrée.”

aspectos físicos também são recuperados, como se verifica, no excerto, na referência ao formato das testas daqueles nascidos fora da Metr pole. Nele, evidencia-se mesmo uma confusão estabelecida entre os *créoles* e os *n gres*, na medida em que, como diz Baudelaire, os dois compartilhariam certas características, como a “languidez”, a “gentileza” e a “faculdade natural da imitação”. Nesse sentido, se os *créoles* eram “inimigos do trabalho e do pensamento”, Leconte de Lisle constituiria uma exceção   regra, uma vez que suas poesias eram admiradas pelo autor parisiense. Interessante atentar-se para o fato de que tal relação não é observada nas epístolas trocadas entre a mãe de Heredia e Fauvelle. Ao contrário, a família do poeta cubano parece opor-se em alguma medida aos *n gres*, habitantes das redondezas. Ainda assim, tanto nas epístolas de Louise quanto no texto de Baudelaire   possível observar o preconceito – por vez mais ou menos explícito – em relação àqueles com que julgavam compartilhar certa assimetria física e intelectual.

Heredia foi, com efeito, alvo de considerações semelhantes àquelas feitas por Baudelaire ao mestre reunionense. Coppée, em sua resposta ao discurso de recepção do poeta cubano   Academia Francesa, evidencia a origem do colega, com que havia publicado em diversas coletâneas poéticas e frequentado cenáculos literários, como aquele do próprio Leconte de Lisle.²² O “entusiasmo” e a “alegria” do colega parnasiano são comparados   exuberância da natureza dos trópicos. Além disso, o *créole*   observado como uma figura dotada de “graça”, possivelmente   semelhança das paisagens tropicais do local em que nasceu. A origem nobre do poeta, descendente dos “conquistadores” espanhóis – para empregarmos o termo sempre privilegiado por Heredia –,   também relembada:

Bom, franco, generoso, você tinha sempre essa lealdade do olhar [...]. Com você, o entusiasmo e a alegria expandiam-se com uma exuberância por assim dizer tropical. [...]. Os poetas, seus amigos, não ignoravam que você era proveniente da melhor nobreza da Espanha, que você vinha de uma antiga linhagem cujo ramo havia firmado raízes e florescido sob o sol ardente da Ilha de Cuba. [...] Mas esses neorrom nticos experimentavam um prazer extremo ao pronunciar seu nome exótico e sonoro [...]; e todos, tendo uma origem mais humilde e menos pitoresca, alegravam-se por um deles ter entre seus ancestrais conquistadores do Novo Mundo e Grandes Inquisidores. Contudo, não havia em sua pessoa e em seu intelecto somente a nobreza do fidalgo e a graça do créole [...] (Coppée, 1895, s.p., tradução nossa)²³.

²² A respeito dos cenáculos franceses do século XIX, recomenda-se a leitura de: GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vincent. *L' ge des c nacles. Confraternit s littéraires et artistiques au XIXe si cle*. Paris: Fayard, 2013.

²³ “Bon, franc, g n reux, vous aviez cette loyaut  du regard [...]. Chez vous, l'enthousiasme et la g it  s' panouissaient avec une exub rance pour ainsi dire tropicale. [...]. Les po tes, vos amis, n'ignoraient pas que vous  tiez issu de la

Com a morte de Heredia, ocorrida no interior da França em 2 de outubro de 1905, Maurice Barrès, que passa a ocupar a cadeira deixada pelo poeta cubano na Academia Francesa, elabora em seu discurso uma apresentação de seu antecessor, como era costume após ingresso na instituição. Nele, a origem *créole* de Heredia é evidenciada. Barrès faz referência à forte amizade que Heredia e Leconte de Lisle desenvolveram com o tempo, observando na origem *créole* comum aos dois poetas parte das afinidades que compartilhavam. Também aqui os *créoles*, como se passa no discurso de Coppée, são considerados “graciosos”:

Eles [José-Maria de Heredia e Leconte de Lisle] não se cansavam de falar com uma felicidade infantil de suas ilhas natais e dos negros. [...]. Sua personalidade [a de José-Maria de Heredia] respirava o encantamento dessas ilhas indolentes onde os *créoles* nascem com maneiras graciosas e com infinita doçura no espírito. Essa facilidade não o prejudicou. Melhor do que um homem hábil, ele obtinha tudo o que queria por sua cortesia quente e sonora. [...]. Esse estrangeiro, pelo seu bem e pelo nosso, realizou o seu melhor emprego. Entre seus dois padrinhos, Ronsard e Chénier, ele veio oferecer-nos as Espanhas que carregava em si. Nós lhe pagamos com glória e amizade (Barrès, 1907, s.p., tradução nossa)²⁴.

Portanto, seria possível considerar que Heredia, especialmente, mas também Leconte de Lisle, estariam inseridos naquilo que Pratt (1999), ao comentar a respeito de figuras que se encontravam no limiar entre duas culturas contrastantes, denominou “zona de contato”, isto é, “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo” (Pratt, 1999, p. 27). A referência da pesquisadora se voltava para o contexto da América Hispânica e englobava o nome

meilleure noblesse d’Espagne, que vous sortiez d’une antique souche dont une branche avait pris racine et fleuri dans le sol brûlant de l’île de Cuba. [...]. Mais ces néo-romantiques éprouaient un plaisir extrême à prononcer votre nom exotique et sonore [...]; et, tous, ayant une origine plus humble et moins pittoresque, se réjouissaient qu’un des leurs comptât parmi ses ancêtres des conquérants du Nouveau Monde et des Grands Inquisiteurs. Cependant il n’y avait pas seulement dans votre personne et dans votre esprit la noblesse de l’hidalgo et la grâce du *créole* [...].”

²⁴ “Ils [Leconte de Lisle et Heredia] ne se laissaient point de parler avec une gaieté enfantine de leurs îles natales et des nègres. [...]. Sa personne respirait l’enchantement de ces îles indolentes où les *créoles* naissent avec des façons gracieuses et infiniment de douceur dans l’esprit. Cette facilité ne l’a pas desservi. Mieux qu’un homme habile, il obtenait tout ce qu’il voulait par sa courtoisie chaude et sonore. [...]. Cet étranger, pour son bien et pour le nôtre, a rempli son meilleur emploi. Entre ses deux parrains, Ronsard et Chénier, il est venu nous offrir les Espagnes qu’il portait en lui. Nous le payons de gloire et d’amitié.”

de Guaman Poma de Ayala, autor de origem indígena que viveu entre os séculos XVI e XVII na região do atual Peru, e cuja obra *A nova crônica e bom governo e justiça*, em que é narrada a história dos incas e sua situação após a chegada dos europeus, foi dirigida ao então rei da Espanha em uma mistura de quéchua e espanhol, isto é, a língua do colonizador.

No caso de Heredia e Leconte de Lisle, pertencentes às classes dominantes em suas terras de origem – tanto pelo acúmulo de capital cultural quanto pelo acúmulo de capital econômico –, ao chegarem à Europa, passaram a ocupar outra posição dentro do campo social, uma vez que, lá, estariam em situação de subordinação em relação a autores metropolitanos, como é o caso de Baudelaire, de Coppée e de Barrès. Nesse sentido, seriam, na esteira do que propõe Pratt (1999), representantes diretos do colonialismo, uma vez que antigos habitantes de colônias de potências europeias. Deve-se ressaltar, a respeito do poeta cubano, que mesmo após vasto acúmulo de capital simbólico, isto é, mesmo após sua consagração, tendo galgado os postos de maior destaque no campo literário francês do período, o que culminaria em sua eleição à Academia Francesa em 1895, Heredia seguiria sendo julgado por seus contemporâneos em grande parte a partir de sua identidade *créole*, que atravessou tão fortemente sua formação e sua produção literária. Heredia, inclusive, permanece sendo admirado como poeta “étranger”, para valermos da expressão de Barrès (1907, s.p.), mesmo após sua naturalização como cidadão francês.

Pratt (1999) sugere ainda outro conceito, que parece ser capaz de delimitar ainda mais o espaço ocupado por Heredia no campo literário francês do século XIX: trata-se da “transculturação”, que descreve “como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana” (Pratt, 1999, p. 30). Parece relevante considerar que Heredia, após a chegada à Europa, elege o francês como língua preferencial em suas composições poéticas e adota temas próprios às tradições clássicas europeias. Pensamos em poemas como “L’Oubli”, que abre a coletânea *Les Trophées*, “La Naissance d’Aphrodité”, “Jason et Médée” e “Le Vase”, mas incontáveis outros poderiam ser referenciados. Trata-se de poemas em que o referencial greco-romano é exacerbado, o que constituía lugar-comum na poesia parnasiana mais ortodoxa, e que Heredia explora incansavelmente em sua obra. Nesse sentido, o poeta cubano, apesar de tornar evidentes suas raízes latino-americanas em certas obras, viveria um processo de “transculturação” na medida em que empregaria os códigos da cultura europeia, já consolidados na metrópole, para elaborar suas poesias. Tais temáticas, contudo, poderiam justificar-se na medida em que contribuía para a promoção do poeta dentro do grupo parnasiano – visando ao acúmulo de capital social –, uma vez que constituía um dos gêneros poéticos amiúde privilegiados por tais escritores. Esse aspecto culminaria, posteriormente, no eventual acúmulo de capital simbólico por parte de Heredia e, por conseguinte, de seu grupo literário como um todo.

Seria a produção poética de José-Maria de Heredia um caso de literatura heterogênea?

Ao tratar de temas semelhantes, também Polar (2000), debruçando-se sobre o estudo do indigenismo nas literaturas hispano-americanas, traz à tona o conceito de heterogeneidade literária, que consistiria em um caráter duplo ou plural identificado em certas literaturas. No caso das obras indigenistas, que o autor analisa com mais detalhamento, percebe-se que o público-alvo seria pertencente a um meio social diverso àquele no qual o autor busca inspiração, isto é, seu referente. O pesquisador observa que a própria literatura de Guaman Poma de Ayala, de que também tratara Pratt (1999), seria um exemplo de literatura heterogênea, considerando que é constatada, na crônica, certa diferenciação entre seu sistema de produção e consumo e seu referente (Polar, 2000), uma vez que, apesar de escrito por um autor da colônia, alternando a língua local e aquela do colonizador, tinha como destinatário o público metropolitano. Nesse sentido, as literaturas heterogêneas seriam aquelas em que pelo menos um de seus elementos constitutivos – autor, referente, mercado consumidor, público-alvo, entre outros – teria sua origem em meios sociais distintos:

As literaturas heterogêneas [...] se caracterizam pela duplicidade ou pluralidade dos signos socioculturais do seu processo produtivo: trata-se, em síntese, de um processo que tem pelo menos um elemento não coincidente com a filiação dos outros, e que cria necessariamente uma zona de ambiguidade e de conflito (Polar, 2000, p. 162).

Heredia, Leconte de Lisle e Dierx, para valerem-nos apenas dos escritores parnasianos ditos *créoles*, seriam representantes de um dos elementos não coincidentes com a filiação do restante de seus integrantes. Heredia seria, nesse sentido, um *créole* que, em decorrência de suas raízes hispânicas, causaria uma espécie de conflito no campo literário francês do período. Poeta “estrangeiro”, mais uma vez segundo a expressão de Barrès (1907), atuaria no campo literário francês, não raramente, a partir de um referente que não estabelecia relação direta com aquele de seu público-alvo, isto é, os leitores franceses, ou os próprios escritores vinculados àquele movimento.

Os poemas de *Les Trophées* reunidos na seção intitulada “Les Conquérants”, como o soneto homônimo “Les Conquérants”, mas também “Le Tombeau du conquérant”, “A un fondateur de ville”, dedicado ao fundador de Cartagena das Índias, bem como a “A une ville morte”, em que ocorre a descrição daquela mesma cidade, a partir do retrato de suas ruínas e da retomada de seus momentos históricos, constituem exemplos do caráter heterogêneo de uma parcela relevante das produções do parnasianismo francês. São obras que misturam, nesse sentido, diferentes signos

socioculturais; escritos na França e em língua francesa por um autor de raízes hispânicas, retratam episódios históricos de culturas diversas, isto é, aqueles da América Latina e aqueles da Espanha Metropolitana. Trata-se de obras que, destinadas a um público metropolitano e escritas em língua francesa, evidenciam inevitavelmente a origem cubana do poeta, ao tratarem de temas próprios da colonização europeia no Novo Mundo: o público pretendido não é constituído por aqueles oriundos dos meios sociais tratados, mas por leitores possivelmente pouco familiarizados com o tema sobre o qual decidiu debruçar-se o escritor. Com efeito, a ascendência de Heredia, que remontaria aos conquistadores espanhóis, constituía-lhe objeto de orgulho, e a época das grandes navegações foi, por muito, um de seus principais objetos de estudo – ele foi o responsável por traduzir para o francês a obra *L'Histoire véridique de la conquête de la Nouvelle Espagne*, de Bernal Díaz del Castillo –, de modo que, nos sonetos citados, pode-se constatar esse interesse duradouro por parte do autor de *Les Trophées*.

No primeiro poema, dos mais conhecidos do autor, “Les Conquérants”, é descrita a partida dos navegadores espanhóis – que o eu lírico equipara aos “falcões” – do porto de Palos de Moguer em direção a Cipango, nome arcaico empregado para designar o Japão, em busca de pedras preciosas. Admirando a mudança das constelações refletidas no mar, conforme navegavam pela curvatura da terra em direção ao Ocidente – devido à influência possivelmente inesperada dos ventos alísios, que haviam inclinado as antenas do navio –, os tripulantes cobiçavam as riquezas e ansiavam por um futuro épico:

Comme un vol de gerfauts hors du charnier natal,
Fatigués de porter leurs misères hautaines,
De Palos de Moguer routiers et capitaines
Partaient, ivres d'un rêve héroïque et brutal.

Ils allaient conquérir le fabuleux métal
Que Cipango mûrit dans ses mines lointaines,
Et les vents alizés inclinaient leurs antennes
Aux bords mystérieux du monde occidental.

Chaque soir, espérant des lendemains épiques,
L'azur phosphorescent de la mer des Tropiques
Enchantait leur sommeil d'un mirage doré ;

Ou, penchés à l'avant des blanches caravelles,
Ils regardaient monter, en un ciel ignoré,
Du fond de l'océan des étoiles nouvelles

(Heredia, 1924, p. 117).

Relevante é também o soneto “Plus ultra”, que aparece adiante na obra e que, apesar de constar da seção “La Nature et le rêve”, estabelece íntima relação com o primeiro poema da seção “Les Conquérants”. Em “Plus ultra”, também a primeira pessoa do singular é empregada: o eu lírico equipara-se aos conquistadores, e pretende quebrar o gelo do mar de localidades distantes, em seu sonho por conquistar novas terras. A busca da personagem, nesse sentido, era pela glória que lhe seria legada após a conquista:

L'homme a conquis la terre ardente des lions
Et celle des venins et celle des reptiles,
Et troublé l'Océan où cinglent les nautilus
Du sillage doré des anciens galions.

Mais plus loin que la neige et que les tourbillons
Du Ström et que l'horreur des Spitzbergs infertiles,
Le Pôle bat d'un flot tiède et libre des îles
Où nul marin n'a pu hisser ses pavillons.

Partons ! Je briserai l'infranchissable glace,
Car dans mon corps hardi je porte une âme lasse
Du facile renom des conquérants de l'or.

J'irai. Je veux monter au dernier promontoire,
Et qu'une mer, pour tous silencieuse encor,
Caresse mon orgueil d'un murmure de gloire

(Heredia, 1924, p. 158).

Ainda tratando do continente americano, em “A une ville morte”, também recorrentemente comentado, observa-se a descrição de uma cidade – Cartagena das Índias –, que, tendo perdido a glória de outrora, continuava vivendo mansamente sob a sombra das palmeiras de uma natureza tropical. Com efeito, Pedro de Heredia, fundador de Cartagena das Índias e possivelmente antepassado do poeta, foi figura admirada por Heredia, a ponto de possuir em seu gabinete pessoal um esmalte elaborado por Claudius Popelin em que o conquistador aparecia com a fisionomia do autor de *Les Trophées* (Régnier, 1931, p. 28). Chamam a atenção no soneto a precisão das descrições, bem como as referências eruditas a fatos históricos que se sucederam na região:

Morne Ville, jadis reine des Océans !
Aujourd'hui le requin poursuit en paix les scombres
Et le nuage errant allonge seul des ombres
Sur ta rade où roulaient les galions géants.

Depuis Drake et l'assaut des Anglais mécréants,
Tes murs désesparés croulent en noirs décombres
Et, comme un glorieux collier de perles sombres,
Des boulets de Pointis montrent les trous béants.

Entre le ciel qui brûle et la mer qui moutonne,
Au somnolent soleil d'un midi monotone,
Tu songes, ô Guerrière, aux vieux Conquistadors ;

Et dans l'énervement des nuits chaudes et calmes,
Berçant ta gloire éteinte, ô Cité, tu t'endors
Sous les palmiers, au long frémissement des palmes

(Heredia, 1924, p. 124).

De mais difícil caracterização seriam os poemas em que se verifica a pluralidade de signos socioculturais, mas em contextos em que o ambiente cultural tratado não coincide com aquele de origem do autor, situação que é muito recorrente em grande parte das obras parnasianas, que se valem de figuras e de cenas usualmente concebidas como exóticas por parte do público metropolitano. Em relação aos poemas citados, o exotismo seria de tal forma considerado somente por parte dos leitores franceses, a quem a obra de José-Maria de Heredia destinava-se, mas não por parte de seu próprio autor, que teria como referente sua terra natal. No entanto, nos casos das literaturas que tinham como referentes as culturas árabe, nórdica ou hindu, cujas temáticas abundam na obra de um poeta como Leconte de Lisle, mas também na de Heredia, em *Les Trophées*, em poemas da seção “L'Orient et les Tropiques”, composto por alguns sonetos de temática oriental, a análise poderia complexificar-se. Em tais situações, à semelhança do que ocorreu na América Latina em relação às literaturas de temática indigenista produzida por autores brancos, o referente de que se vale autor não coincide com aquele de sua origem social, muito menos com a origem dos leitores que constituem seu público-alvo.

Na mesma seção “L'Orient et les Tropiques”, sonetos como “Le Prisonnier”, de temática árabe, “Le Samourai” e “Le Daïmio”, que recuperam aspectos da cultura japonesa, misturam-se a sonetos como “Fleurs de feu”, “Fleur séculaire” – que descrevem a natureza vulcânica dos Andes, com referências diretas, respectivamente, aos vulcões Chimborazo, localizado na região do atual Equador, e Gualatieri²⁵ – e “Le Récif de Corail”, que, como evidencia o título, trata da descrição de um recife de coral. É possível que a ideia para escrevê-lo tenha sua origem nos períodos passados pelo escritor em Cuba, onde talvez tenha conhecido de perto as belezas

²⁵ Possivelmente “Gualatiri”, localizado na região do Atacama, no atual Chile.

dos mares tropicais. Em relação a isso, mesmo que a temática de alguns dos poemas eventualmente coincida com o local de origem do poeta, Heredia não faz distinção entre estes e aqueles que tratam de culturas efetivamente alheias a ele, como a árabe ou a japonesa. Em outras palavras, Heredia organiza seu livro a partir de uma perspectiva metropolitana, em que a distinção entre tais ambientes sociais e geográficos possivelmente se mostrava menos rígida. Obedecendo a uma organização ora temporal, ora geográfica, de acordo com a divisão que elegeu para sua coletânea *Les Trophées*, um autor que tivesse como alvo uma parcela dos leitores cubanos dificilmente teria decidido organizar na mesma seção sonetos a respeito de localidades tão cultural e geograficamente distantes quanto os Andes, o Egito e o Japão.

Outro exemplo de heterogeneidade literária poderia ser constatado na seção seguinte, denominada “La Nature et le rêve”. Em seu soneto “Brise marine”, o eu lírico contrasta a gélida natureza da metrópole à natureza encantadora da colônia. Ao sentir uma brisa estranha vinda do mar da costa norte francesa, recorda-se das Antilhas azuis e da ardência do sol tropical. O continente americano é nominalmente referenciado e o eu lírico se vale do emprego da primeira pessoa do singular, contribuindo, assim, para a quebra do princípio da impessoalidade usualmente preconizado pelos poetas do movimento parnasiano:

L'hiver a défleuri la lande et le courtil.
Tout est mort. Sur la roche uniformément grise
Où la lame sans fin de l'Atlantique brise,
Le pétale fané pend au dernier pistil.

Et pourtant je ne sais quel arôme subtil
Exhalé de la mer jusqu'à moi par la brise,
D'un effluve si tiède emplit mon cœur qu'il grise ;
Ce souffle étrangement parfumé, d'où vient-il ?

Ah ! Je le reconnais. C'est de trois mille lieues
Qu'il vient, de l'Ouest, là-bas où les Antilles bleues
Se pâment sous l'ardeur de l'astre occidental ;

Et j'ai, de ce récif battu du flot kymrique,
Respiré dans le vent qu'embauma l'air natal
La fleur jadis éclosé au jardin d'Amérique

(Heredia, 1924, p. 154).

Sinal também evidente da heterogeneidade literária na obra de Heredia são seus poucos poemas em língua espanhola, como é o caso daquele que transcrevemos a seguir:

Desde la Francia, madre generosa
De la belleza y de su luz divina,
Cuya diadema de robusta encima
Tiene la gracia de viviente rosa;

A ti, pintor de la natura hermosa
De la esplendente América Latina;
A ti, gran rey de la Oda, peregrina
Por tu gallarda fuerza melodiosa;

A ti, cantor del Niágara rugiente
Que diste en versos su tronar al mundo
Y el cambiante color iridiscente

De su masa revuelta en lo profundo
Del hondo abismo que al mortal espanta,
Gran Heredia, otro Heredia aquí te canta!

(Heredia, 1924, p. 289).

Poema sem título, na contramão do que costumou fazer o poeta cubano, e não compilado como os anteriores na coletânea *Les Trophées* como os anteriores, parece tratar-se de obra a que o próprio autor conferiu menor importância. Poema de ocasião, integra um conjunto de sonetos em língua espanhola que o autor de *Les Trophées* dedicou a José Maria Heredia, importante poeta cubano do movimento romântico hispano-americano e primo do poeta parnasiano (Ibrovac, 1923, p. 8), com quem compartilhava quase o mesmo nome. Trata-se de um soneto em espanhol – dos poucos conhecidos de Heredia nessa língua – composto em razão do centenário de seu homônimo. Nele, na tentativa de louvar os dotes do poeta, como se observa, acaba louvando o próprio esplendor latino-americano. Contudo, tal soneto, que não foi reunido na coletânea que o poeta parnasiano aperfeiçoou durante anos, de maneira tão cuidadosa e detalhada, e que constituiu sua obra poética definitiva, *Les Trophées*, alcança grande importância na medida em que alça seu autor ao posto daqueles que se valeram, na fatura de sua produção literária, do emprego de mais de uma língua, em nítido caso de heterogeneidade literária. Esta, pode-se considerar, manifesta-se em sua obra das mais diferentes formas: desde os poemas de temática dita exótica, segundo a visão do público metropolitano, até à eventual alternância, no plano poético, entre o francês e o espanhol. Este, contudo, não se torna absolutamente, em Heredia, a língua literária preferencial, tendo sido adotado apenas em contextos de produção bem delimitados.

Considerações finais

A crítica, regularmente, salienta os aspectos mais ortodoxos da obra de José-Maria de Heredia: a impassibilidade, o rebuscamento formal e a retomada de temas da tradição greco-romana. Tuffrau (1952), por exemplo, considera que o poeta cubano seria um excelente “fazedor de sonetos [...]”. Cada soneto é como um prato suntuoso, em que, em um campo limitado, a fantasia de um poderoso artista teria encerrado temas históricos ou mitológicos” (p. 1119, tradução nossa)²⁶. Braunschvig (1955), de maneira semelhante, justifica a reduzida obra do poeta cubano pelo seu amor pela perfeição, o que o fez levar “mais de trinta anos para polir sua única coletânea [...]” (p. 8, tradução nossa)²⁷, ecoando as lembranças de Barrès (1907, s.p.), que defende que somente após dez anos Heredia escreveria o segundo terceto de seu soneto “Vitrail”.

Também Souriau, em sua importante história a respeito do parnasianismo francês, sugere que, na impossibilidade de formular críticas a respeito da forma trabalhada pelo poeta, os comentadores que se opunham ao movimento parnasiano passaram a, historicamente, acusá-lo de fazer uma poesia vazia e sem pensamento: “Como é difícil de negar ou diminuir a perfeição dessa arte, os invejosos tentam ater-se à negação de sua profundidade, contestando nela todo o valor de pensamento” (Souriau, 1929, p. 307-308, tradução nossa)²⁸. Contudo, tal gênero de crítica, que observa na obra do poeta cubano somente seu caráter impessoal e objetivo, desconsidera importantes posições que Heredia tomou no decorrer de sua trajetória (Bourdieu, 1996b), e, ao acusá-la de exagerar na impassibilidade, ignora a maneira aguda com que sua obra refletiu, inevitavelmente, suas raízes hispânicas. Desse modo, é necessário revelar outras facetas da obra do poeta cubano, a partir de análises que estabeleçam uma relação menos estreita com os lugares-comuns observados pela crítica mais tradicional.

Neste artigo pudemos evidenciar alguns dos pontos-chave da formação de Heredia, e de que forma ela determinou suas tomadas de posição dentro do campo literário. Também observamos de que modo sua identidade de autor *créole*, nascido “sob o sol ardente da Ilha de Cuba” (Coppée, 1895, s.p.), foi igualmente decisiva para a elaboração de suas produções, exemplos de uma literatura heterogênea (Polar, 2000), escritas por um autor situado no limiar entre duas culturas díspares, hierarquicamente contrastantes, em um caso evidente de zona de contato (Pratt, 1999). Dos principais sonetistas da língua francesa, autor pouco comparável, no campo literário francês, em razão de suas origens, de suas escolhas temáticas e do rebuscamento de suas formas,

²⁶ “[...] un excellent faiseur de sonnets [...]. Chaque sonnet est comme un plat somptueux, où, dans un champ limité, la fantaisie d’un puissant artiste aurait enfermé des sujets historiques ou mythologiques.”

²⁷ “[...] plus de trente ans à polir son unique recueil [...]”

²⁸ “Comme il est difficile de nier ou de diminuer la perfection de cet art, les jaloux essayent de se rattraper en niant sa profondeur, en lui contestant toute valeur de pensée.”

Heredia constituiu um dos expoentes do movimento parnasiano, e, à semelhança de alguns de seus camaradas do Parnaso, tornou-se um nome consagrado nos meios literários de sua época. Atualmente, sendo ainda citado de maneira recorrente nos manuais e nas histórias de literatura francesa, tendo desenvolvido um estilo próprio e preservado alguns dos temas que se tornaram verdadeiros *topoi* da produção parnasiana em língua francesa, pode-se dizer que foi um dos poetas mais importantes de sua geração.

Referências

BANVILLE, Théodore de. *Petit traité de poésie française*. Paris: Bibliothèque de l'écho de la Sorbonne, s.d.

BARRÈS, Maurice. *Discours de réception de Maurice Barrès*. Académie Française, Paris, 17 jan. 1907. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/discours-de-reception-de-maurice-barres>. Acesso em 09 abr. 2025.

BAUDELAIRE, Charles. Réflexions sur quelques-uns de mes contemporains. In: BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes de Charles Baudelaire, tome III*. Paris: Calmann Levy, 1885. p. 311-394.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Les Héritiers. Les Étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de minuit, 1964.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996b.

BRAUNTSCHVIG, Marcel. Le Parnasse. In: BRAUNTSCHVIG, Marcel. *La Littérature Française Contemporaine*. Paris: Librairie Armand Colin, 1955. p. 2-23.

COPPÉE, François. *Réponse au discours de réception de José-Maria de Heredia*. Académie Française, Paris, 30 maio 1895. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/reponse-au-discours-de-reception-de-jose-maria-de-heredia>. Acesso em 09 abr. 2025.

GALDEMAR, Ange. L'Œuvre posthume de Leconte de Lisle. Conversation avec M. de Heredia. *Le Gaulois*, Paris, 13 maio 1895, p. 1.

GLINOER, Anthony; LAISNEY, Vincent. *L'Âge des cénacles. Confraternités littéraires et artistiques au XIXe siècle*. Paris: Fayard, 2013.

HEREDIA, José-Maria de. *Discours de réception de José-Maria de Heredia*. Académie Française, Paris, 30 maio 1895. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/discours-de-reception-de-jose-maria-de-heredia>. Acesso em 09 abr. 2025.

HEREDIA, José-Maria de. *Poésies complètes: texte définitif avec notes et variantes*. Paris: Ressources, 1924.

IBROVAC, Miodrag. *José-Maria de Heredia. Sa vie, son œuvre*. Paris: Les Presses Françaises, 1923.

POLAR, Antonio Cornejo. O indigenismo e as literaturas heterogêneas. Seu duplo estatuto sociocultural. In: POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa. Literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 157-176.

PONTON, Rémy. Programme esthétique et accumulation de capital symbolique. L'exemple du Parnasse. *Revue française de sociologie*, v. 14, p. 202-220, 1973.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

RÉGNIER, Henri de. José-Maria de Heredia. In: *Nos Rencontres*. Paris: Mercure de France, 1931. p. 21-34.

SOURIAU, Maurice. *Histoire du parnasse*. Paris: Éditions Spes, 1929.

TUFFRAU, Paul. Livre IV, L'Époque symboliste et l'avant-guerre. In: LANSON, Gustave; TUFFRAU, Paul. *Histoire de La Littérature Française*. Paris: Librairie Hachette, 1952.